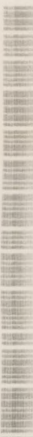


MONTEIRO, Léa Ziggiatti. Danças do sul e norte: movimento e colorido para quinze anos de pesquisas. Correio Popular, Campinas, 18 set. 1977.

DANÇAS DO SUL E NORTE

*Movimento e colorido para
quinze anos de pesquisas*

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE00731



A "Dança das Fitas", uma das mais tradicionais do folclore gaúcho, não tem mais segredos para o Grupo de Campinas, que realiza, dentro dela, as mais complicadas coreografias.



As palmas e o sapateado têm papel de destaque em todas as danças do sul, em que a influência espanhola se faz notar principalmente nos trajes e sapatos das damas

MONTENHO, Les. Registrar. Danças do sul e norte: movimento e colorido para quinze anos de pesquisa. Jornal Povo, Campinas, 13 set. 1977.



O papel de destaque nas danças do sul é para o homem, que muitas vezes dança sozinho, enquanto as damas observam sentadas, torcendo pelos seus "Peões"... É o caso da Chula e da Dança dos Facões.

MONTEIRO, Léa Ziggiatti. Danças do sul e norte: movimento e colorido para quinze anos de pesquisas. Correio Popular, Campinas, 18 set. 1977.

BALLETOMANIA — A GRANDE MOLA MESTRA

A mocinha miúda tinha uma meta e objetivo: a dança... Mas uma inteligência e uma sensibilidade privilegiadas. A importância desse trabalho, de descobrir fontes e origens, de buscar raízes folclóricas, de encontrar influências dos antepassados nas manifestações coreográficas do nosso povo, foi para Maria Cristina Amaral Polezell uma tarefa fascinante. Apaixonada pela dança, ela descobriu logo que o material de que dispunha era insignificante. Pouquíssimos livros explicavam somente coreografias por demais conhecidas: o pézinho, Balaio, Chimarrita... Era preciso procurar mais, pois as danças do Sul são inúmeras, com as mais intrincadas coreografias. Maria Cristina percebeu que tinha nas mãos uma fonte preciosa de informações: os próprios alunos residentes no Rio Grande do Sul. Começou uma espécie de doutrinação: nas férias, eles deveriam aproveitar e fazer uma pesquisa de campo no lugar em que moravam. O resultado foi excelente. E, à cada volta, os gaúchos chegam com mais novidades. O repertório do grupo do Sul já é extenso: Pau de Fitas, Pézinho, Balaio, Chimarrita, Sarrabalho, Anu, Ratoeira, Schotz, de Duas Damas, Tirana do Lenço, Rancheira de Carreirinha, Chula, Dança dos Facões, Fandangó, Malambo, Balainha, Cana Verde e outras.

Dentro do curso de Dança do Conservatório, as danças folclóricas representam uma matéria prática obrigatória, como aplicação de folclore. Para os alunos da Escola Preparatória de Cadetes funcionam como uma integração social dos rapazes que, longe de casa e da família, conseguem assim um ambiente de alegria e amizade, dentro da cidade que os acolhe.

AS DANÇAS DO NORTE — UMA CONSEQUÊNCIA INDISCUTIVEL

Maria Cristina não parou. O Brasil é fascinante nas suas múltiplas manifestações folclóricas... Através dos meninos gauchos, ela procurou um contacto com os rapazes do Norte e Nordeste. A receptividade foi enorme. Em breve, ela conseguiu um novo grupo, a se revelar dentro das danças mais puras e livres, de Belém do Pará, Mato Grosso, Bahia e Pernambuco. Nessas danças, em que a influência é menos européia do que as do sul, as moças e rapazes se espalham livres, de pés no chão, saias muito rodadas e calças de bocas largas. É o carimbó, que vem

da cidade de Vigia, em Belém do Pará, em duas formas diversas — livre ou ritmado. Ou é o Siriri do Mato Grosso e o coco, que é dançado nas areias das praias ou nos terreiros do sertão. O ideal de Maria Cristina é cultivar também as danças paulistas, mas é onde encontra a maior resistência, porque o rapaz paulista se opõe às danças.

Maria Cristina explica:

— Não sei como explicar isso. Para o paulista, dançar

é para mulher, e homem que dança coloca em dúvida a sua masculinidade. O que é um absurdo! Nas danças folclóricas, o homem é o grande dançarino, marcando a sua atuação com a mais legítima masculinidade. Nas danças do sul, por exemplo, o homem é quase um lutador, dançando com características quase agressivas e muitas vezes, as danças são uma disputa para se saber qual é o mais forte e mais "macho", como na chula, por exemplo... As mulheres, quase sempre, têm uma atuação pequena, quase de "enfeite".

É PRECISO SEMPRE COMEÇAR DE NOVO

Entretanto, o trabalho de Maria Cristina Amaral Polezell é particularmente difícil, devido à mobilidade do grupo. Em geral, os rapazes da Escola de Cadetes ficam apenas por três anos em Campinas, depois do que seguem para a Academia das Agulhas Negras, em Resende. As garotas, muitas vezes, permanecem por mais tempo, até que um namoro, a Universidade ou o casamento venham interromper a sua atuação no grupo de danças. Para Cristina, cada novo ano é um recomeçar tudo outra vez, repassando as danças com os elementos novos, entusiasmando o grupo com a perspectiva de apresentações nas mais variadas cidades do Estado. Antes, os pedidos de apresentação se limitavam ao mês de agosto, que é o mês do folclore. Agora não. O grupo é requisitado o ano inteiro, tendo já se apresentado em São Paulo, Bragança Paulista, Paulínia, Leme, Pirassununga, Piracicaba, São José do Rio Pardo, Araras, Mogi-Guaçu, e outras... Uma das mágoas de Maria Cristina é a ausência do gaitero do grupo, Oscar Vignando, que acompanhou as danças durante quinze anos com o seu acordeão e a dissolução do Conjunto de Percussão que completava, de forma ideal o conjunto, há alguns anos atrás, liderado por Vilma Coelho Brandemburgo.



Também nas danças do norte, as saias rodadas são uma constante. Assim como os lenços amarrados ao pescoço dos cavaleiros.



Na dança dos facões, o sapateado, a destreza e a precisão dos dançarinos constróem uma coreografia de grande beleza estética e rítmica.

Há muita gente que se lembra ainda da Festa das Nações, uma festa maravilhosa, promovida pela Cruzada das Senhoras Católicas, sob o comando de Noêmia Melchior Rodrigues. O Grupo de Danças Folclóricas de Campinas surgiu aí, dentro de um Carrossel das Nações, montado no antigo Teatro Municipal e que reunia danças de todas as colônias fixadas em Campinas... Fugindo das baianas tradicionais, Dilma de Lima, professora de dança e ballet do Conservatório Musical Carlos Gomes resolveu partir para o Sul e ir de encontro às maravilhosas danças gauchas. Uma dificuldade enorme — os rapazes. Rapaz paulista não dança... O jeito foi apelar para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército, onde um gru-

po de rapazes do sul foi escalado para realizar a experiência. Gaucho tem a dança no sangue... Entre as garotas do Conservatório, a moça franzina, cintura de pilão e ar intelectual — Maria Cristina Amaral, emprestando sua graça ao conjunto e se empolgando com a riqueza coreográfica das danças do Sul... A experiência bem sucedida do Carrossel de 1961 não parou mais. Foi Maria Cristina que se empenhou na continuação do trabalho, pesquisando juntamente com a experiência folclórica de Alba Carneiro Vidigal e com a vivência de música de Vilma Brandemburgo.

Durante quinze anos esse grupo vem desempenhando, sempre junto com os cadetes da Escola Preparatória, um papel fundamental na divulgação das danças

tradicionais gauchas... Atualmente, requisitando também rapazes vindos do norte, Maria Cristina Amaral Polezel vem pesquisando o Carimbó de Belém do Pará, o Siriri de Mato Grosso, os Cocos da Praia e do Sertão e as Cirandas do Norte e do Nordeste.

Com o amplo apoio da diretoria do Conservatório e do alto comando da Escola Preparatória de Cadetes, o grupo vem se apresentando nos teatros e escolas de Campinas e visitando, com seu movimento e alegria várias cidades vizinhas. No próximo dia 9 de outubro estará se apresentando na Concha Acústica do Parque Portugal, divulgando as mais belas danças brasileiras, numa promoção da Secretaria Municipal de Cultura.